

ACTAS DO II SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA E CIVILIZAÇÃO  
DA VINHA E DO VINHO  
«A VINHA E O VINHO NA CULTURA DA EUROPA»

Instituto do Vinho do Porto ■ Universidade do Porto  
■ Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro

Com o patrocínio da FCT (Fundação para a Ciência e Tecnologia)

**DIRECÇÃO:**

Jorge Monteiro (Presidente do Instituto do Vinho do Porto)  
José Ângelo Novais Barbosa (Reitor da Universidade do Porto)  
José Manuel Gaspar Torres Pereira (Reitor da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro)

**DIRECTOR-COORDENADOR:**

Francisco Ribeiro da Silva (Coordenador do Grupo de Estudos de História da Viticultura Duriense e do Vinho do Porto/FLUP)

**CONSELHO DE REDACÇÃO:**

António Barreto (Instituto de Ciências Sociais/Universidade de Lisboa)  
António Vilela de Matos (Pró-Reitor da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro/Documentação e Extensão)

Arlete Mendes Faia (Departamento de Indústrias Agro-alimentares/Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro)

Aurélio Araújo de Oliveira (História Moderna/Faculdade de Letras da Universidade do Porto)

Carlos Alberto Brochado de Almeida (Arqueologia/Faculdade de Letras da Universidade do Porto)

Carlos Melo Brito (Faculdade de Economia/Universidade do Porto)

Fernando Bianchi de Aguiar (Departamento de Fitotecnia e Engenharia Rural/Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro)

Francisco Ferreira Monteiro (Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar)

Gaspar Martins Pereira (História Moderna e Contemporânea/Faculdades de Letras do Porto e Coordenador do Grupo de Projecto do Museu do Douro)

Jean Lave (Social & Cultural Studies/Universidade da Califórnia - Berkeley)

João Rebelo (Departamento de Economia e Sociologia/Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro)

José Portela (Departamento de Economia e Sociologia/Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro)

Luis Miguel Duarte (História Medieval/Faculdade de Letras da Universidade do Porto)

Norman R. Bennett (Departamento de História/Universidade de Boston)

Nuno Pizarro de Magalhães (Departamento de Fitotecnia e Engenharia Rural/Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro)

Vital Moreira (Faculdade de Direito/Universidade de Coimbra).

**SECRETARIO:**

Carla Sequeira e Adelaide Gil

**PROPRIEDADE:**

Instituto do Vinho do Porto ■ Universidade do Porto ■ Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro

**EDIÇÃO:**

GEHVID – Grupo de Estudos de História da Viticultura Duriense e do Vinho do Porto  
Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Apartado 55038 ■ 4051-452 PORTO Codex – PORTUGAL  
Telefone e fax.: 22 6077156 ■ E-mail: gehvid@letras.up.pt

**Fotografia da capa:** «Vinhedos do Douro». Foto Alvão, ca. 1940 (Col. IVP).

**Composição:** Edições Afrontamento

**Impressão e Acabamento:** Rainho & Neves, Lda.

**Assinatura anual (2 números):**

**Instituições:** 19,95 €; **Indivíduos:** 17,46 €

**Preço deste número:** 14,96 €

**Tiragem:** 1200 exemplares

**Depósito Legal:** 98629/96

**ISSN:** 0873-3899

© Direitos reservados, de acordo com a legislação em vigor.  
Todos os artigos são da exclusiva responsabilidade dos seus autores.

# SUMÁRIO

Editorial 7

Actas do II Simpósio Internacional de História e Civilização da Vinha e do Vinho «A vinha e o vinho na cultura da Europa»

Sessão de Homenagem a François Guichard

11 Um especialista do Douro: o Visconde de Vila Maior  
Luís A. de Oliveira Ramos

15 Vitines et musées du vin  
Philippe Roudié

21 O Museu da Região do Douro  
Gaspar Martins Pereira

27 A la recherche du vin comme révélateur littéraire: en réalisant Jean Giono  
François Guichard

A vinha e o vinho na literatura

49 Mestre Gil, Resende e Miranda com os vinhos em bolanda  
Aurêlio de Oliveira

A vinha, o vinho e os mitos fundadores da civilização europeia

67 O vinho e a pretensa barbãre dos povos galãticos  
Carlos A. Brochado de Almeida

Imagens e representações em torno do vinho

85 Wine and Art: artistic images and the selling of wine  
John R. Dickenson

Arquitecturas associadas à vinha e ao vinho

97 L'évolution des paysages viticoles dans le bassin du Douro espagnol  
Alain Huët de Lempis

## A vinha e o vinho nas artes plásticas

- 113 La representación del vino en los bodegones españoles del siglo XVII y su repercusión en el mercado del arte  
Agustín Martínez Peláez • Justo Romero Torres

## O vinho na religiosidade e na festa

- 135 La figura de San Gregorio Ostiense en el control de plagas del viñedo  
R. Ocete • M. A. López Martínez • M. E. Ocete • M. A. Pérez Izquierdo

## Vinhos e vinhos da Europa e do mundo: inovação, difusão, aculturação e confronto cultural

- 149 «That indispensable article»: Brandy and Port Wine, c. 1750-1908  
Norman R. Bennett

- 161 Vinhos do Douro: loteamentos clandestinos que desafiaram o Marquês (1771-1775)  
Francisco Ribeiro da Silva

- 181 Caminhos e devocões. Viajar no Douro medieval e moderno  
Amandio Morais Barros • Susana Pacheco Barros

- 197 A Casa do Douro como resultante do movimento associativo da vitivinicultura duriense  
Fernando Peixoto

- 213 El impacto antrópico sobre las poblaciones de vid silvestre: características sanitario-agronómicas y aprovechamiento de este recurso  
M. A. López Martínez • R. Ocete • M. A. Pérez Izquierdo

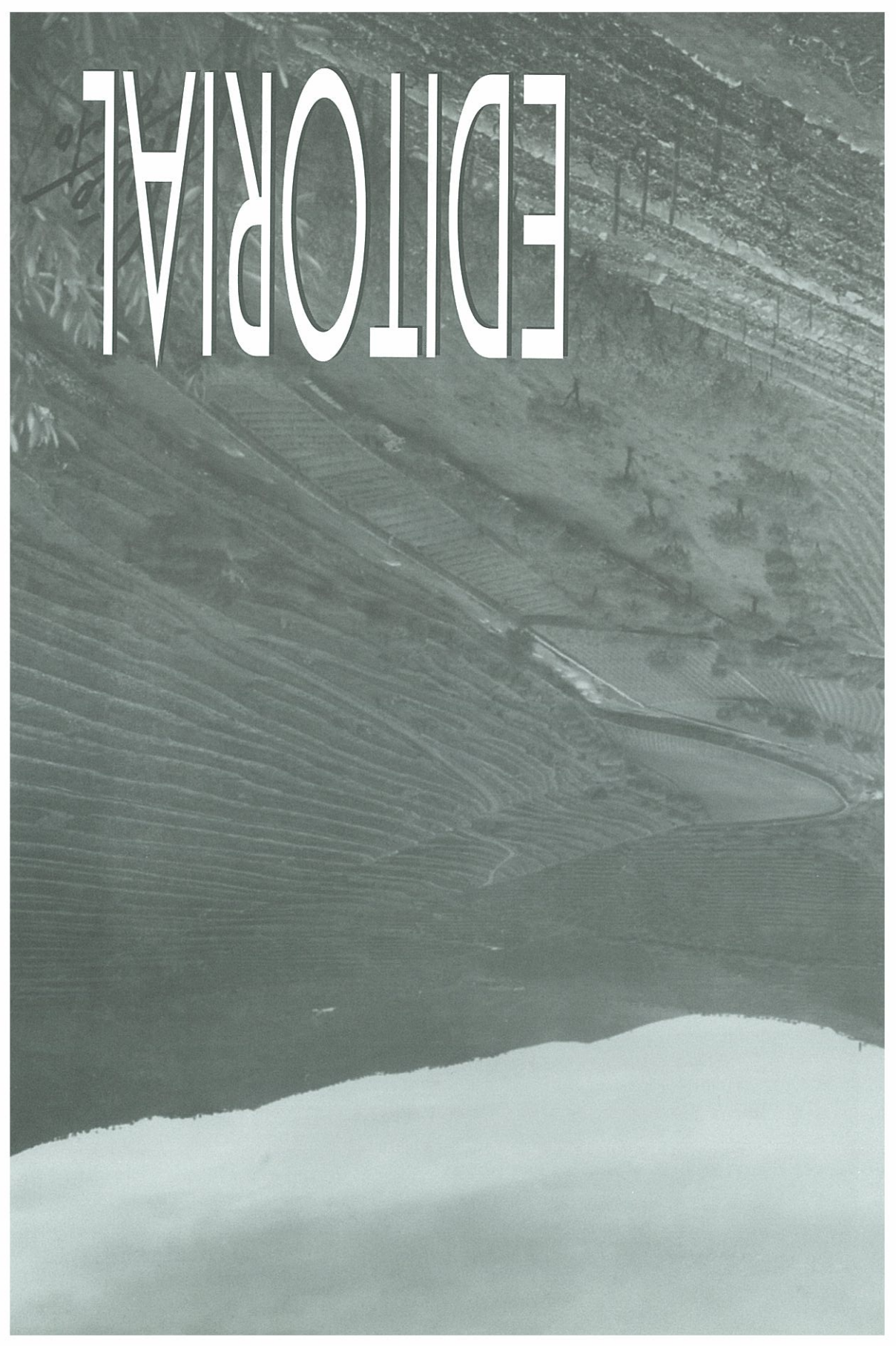
## O enoturismo

- 227 Rotas, museos e itinerarios vitícolas. España-Latinoamérica  
María del Rocío Acha Barral • Mario Trujillo Bolfo

## Etnografia do vinho

- 241 Jogos populares da vinha e do vinho  
António Cabral

# EDITORIAL





O presente número da Revista «DOURO – Estudos & Documentos» bem como os próximos serão dedicados exclusivamente à publicação das Actas do II Simpósio Internacional de História e Civilização da Vinha e do Vinho que, sob o tema genérico «A Vinha e o Vinho na cultura da Europa», decorreu no Porto e no Douro (mais precisamente em Lamego e em Vila Real) nos dias 10 a 12 de Setembro de 2001.

A dita reunião científica, organizada pelo GEHVID, pelo Departamento de Economia e Sociologia da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro e naturalmente pela Asociación Internacional de Historia y Civilización de la Vid y del Vino, conseguiu congregar cerca de centena e meia de estudiosos do tema proposto, procedentes não só de Portugal mas também dos principais países do mundo onde se cultiva a videira, alguns deles especialistas de renome internacional. Ao todo, foram apresentadas 110 comunicações.

Não podemos esquecer a circunstância de este Simpósio ter sido o segundo a ser levado a efeito sob a égide da Asociación Internacional de Historia y Civilización de la Vid y del Vino em curto lapso de tempo. Embora esta seja programado que as reuniões científicas a promover pela dita Associação devam ter periodicidade bienal, este Encontro antecipou esse intervalo em razão de ter pretendido aproveitar a circunstância de a cidade do Porto ter sido no ano de 2001 a Capital Europeia da Cultura. O facto de o evento científico ter sido integrado no programa Porto 2001 – Capital Cultural da Europa deve ser aqui sublinhado e reiterado o nosso agradecimento à Comissão.

A decisão de se utilizar a Revista para publicação dos trabalhos apresentados pelos congressistas tem o inconveniente de obrigar à retenção na redacção de trabalhos meritórios já entregues para publicação. Mas uma edição autónoma das Actas, para além dos custos, obrigaria a demoras provocadas pelo atraso na entrega dos textos das comunicações, como sempre acontece nestas realizações. Por outro lado, a publicação foi mesmo integrada nas páginas da Revista confirma e dá corpo à ideia de que o Simpósio foi uma realização do GEHVID e, por isso, podem e devem os seus resultados figurar no órgão por excelência do GEHVID que é a sua Revista.

Assim sendo, a ordem por que as comunicações aparecem publicadas não pôde obedecer a qualquer critério de uniformidade ou homogeneidade temática. Aliás, a matéria de fundo, a vinha e o vinho, é a mesma que subjaz a todos os textos. A nossa preocupação é de pôr no prelo os diversos volumes à medida que os textos nos vão sendo entregues.

Mesmo assim, conforme se pode verificar, foi possível proceder a algum arranjo e agrupar as comunicações por grandes envelopes: a vinha e o vinho na literatura e nos romances populares, a vinha e o vinho nos mitos fundadores da civilização europeia, imagens e representações em torno do vinho, a vinha e o vinho na arquitectura e nas artes plásticas, técnicas e inovações no cultivo da vinha, confitualidades latentes face ao ordenamento legal.

Uma última nota em duas alíneas das quais se faz eco no presente número: a primeira é a homenagem que, no decorrer do Simpósio, se prestou a François Guichard, amigo do Porto e de Portugal e grande conhecedor das matérias da vinha e do vinho. A segunda é o grande momento cultural por que passa presentemente o Douro com a criação do seu Museu. A ambos os acontecimentos a «DOURO – Estudos & Documentos» se associa e com eles se regozija.





FRANÇOIS GUICHARD

HOMENAGEM A

SESSÃO DE

~



## Um especialista do Douro: o Visconde de Vila Maior

Luis A. de Oliveira Ramos \*

O personagem a invocar, o visconde de Vila maior, Prof. Júlio Máximo de Oliveira Pimentel (1809-1884), sagrou-se, entre as mais significativas notabilidades do regime liberal, enquanto cientista e político. A sua existência marca pela ligação que gostava de estabelecer entre o pensamento, a acção e a ciência e as suas aplicações práticas, e bem assim pelo cuidado de documentar o objecto dos seus estudos, conforme os meios disponíveis no tempo.

Na verdade, este filho e sobrinho de fidalgos durenses, perseguidos pelo miguelismo, interrompeu os estudos universitários, durante o regresso do absolutismo (1828-1834), para, na medida do possível, apoiar os seus familiares, o que não obistou à morte, nos cárceres do Tribunal da Relação do Porto, de seu tio, o general Claudino Pimentel, detenção, em condições de horror iniciadas em Lisboa, na Torre de S. Julião da Barra.

Mal ocorre o regresso dos liberais (1832), aí temos Júlio Pimentel no batalhão acadêmico a combater de armas na mão pela liberdade durante o cerco do Porto (1832-1833). Com tal pundonor o fez que cai ferido e fica às portas da morte, depois de um combate na Serra do Pilar. O feito vale-lhe a condecoração com a Torre e Espada. Mas sobrevive com uma deficiência notória que o obriga a coxear e é assim que chega a tenente coronel no regime liberal novamente implantado pela vitória das tropas do duque imperial D. Pedro contra as hordas de D. Miguel. Amigo do saber, terminada a guerra e derrotado o absolutismo, decide concluir os estudos universitários, regressando às Faculdades de Matemática e Filosofia (isto é, de Ciências) da Universidade de Coimbra. Sai bacharel da última, onde se tornara evidente o seu gosto pela química.

Concorre então a um lugar de professor da nova Escola Politécnica de Lisboa, criada na vaga de reformas setembristas, dinamizadas por Passos Manuel, mas dependente do ministério da Guerra. Aí convive com figuras notá-

veis do seu tempo, entre as quais avulta o militar e historiador-acadêmico Latino Coelho.

Como frequentara a Universidade de Coimbra em tempo de funda crise, decorrente do advento do liberalismo, da disciplina académica coeva, da falta de professores decorrentes das purgas liberais postuladas pelas purgas miguélistas, decide, para bem dominar os desenvolvimentos da química que floresce em França, passar dois anos em Paris a aperfeiçoar-se na sua especialidade e campo de ensino.

Atendendo às condições das Guerras Civis decorrentes da Maria da Fonte e da Patuleia (1846-1847), só restabelecida a paz logra iniciar o seu douto magistério. Vaza-o nos dois volumes das suas *Ligões*, que logo dá à estampa, responsávelizando-se pelo modo como ensina e proporcionando aos estudantes da nova Escola Politécnica um adequado instrumento de trabalho.

Sócio da Academia das Ciências de Lisboa, é nos seus *Anais e Memórias* que publica muitos dos estudos a que se vota, como dá à estampa muitos outros em revistas, jornais e enciclopédias portuguesas e estrangeiras. Começam por avultar os consagrados às águas termais, numa época de incremento do termalismo. Extensa e sucessiva literatura analisa as águas das Caldas da Rainha, mas também se interessa pelas do Gerês, por exemplo.

Demais, o então cidadão lisbonense debruça-se sobre problemas concretos da cidade, nomeadamente sobre o saneamento da urbe. Questões de natureza pública como as das alfândegas, dos cereais e do vinho entram também na esfera das suas preocupações, após um período em que se debruça sobre temas de incidência colonial e outros.

Acerca da «matéria aduaneira e a problemática do contrabando» concebeu, conforme demonstra a Prof.ª Maria da Conceição Meireles Pereira, «um dos trabalhos lapidares», intitulado *A Liga das Alfândegas Peninsulares* (1860).

Além das *Memórias sobre a higiene pública de Lisboa*, redige a brochura sobre o *Novo processo de panificação*, a *Memória sobre os processos de vinificação dos principais centros vinhateiros a norte do Douro* (1867-1868), o *Tratado de vinificação para vinhos genuínos* (1868-1869) e também uma *Ampelografia e oenologia do país vinhateiro do Douro* (1870). Escreve ainda um *Manual de viticultura* (1875) e, finalmente, a obra agora reeditada em 1990 e muito citada, *O Douro Ilustrado* (1876). O texto comporta três colunas, em português, francês e inglês, isto é, uma versão trilingue, como actualmente se usa, acompanhado de estampas sobre as povoações mais pitorescas e de um grande mapa do percurso do rio.

Obra de ponderado esclarecimento para o grande público, trata das peculiaridades do caudal, do solo, das castas, das paisagens, da navegação, das pessoas, etc. Nele reluz o cientista, além do homem de gosto, que chama a atenção para a

importância omnimoda do rio, regiões adjacentes, seus servidores e utilizadores. De resto, usa a sua experiência pessoal e documentados pontos de vista expressos por autoridades nas matérias versadas.

Assim, quanto à navegação ao longo do Douro, que ele próprio fez, não deixa de se arrimar às pormenorizadas descrições do lente de Filosofia da Universidade de Coimbra, Doutor Pedro Norberto Correia Pinto de Almeida (1806-1849), autor de um impressivo relato de idêntica viagem rio abaixo.

Da mesma forma, o seu esculpido de homem de ciência leva-o a utilizar, no campo da geologia, explicações de autores conhecidos.

Mas o que escreveu, fruto também de cuidada observação directa, reveste-se de interesse etnológico no concernente aos anais do Douro, aos usos e costumes decorrentes das actividades desenvolvidas na terra e na grande via fluvial que, no Porto, formava a *barra da terra*, por contraste com a barra do mar atlântico (Rebelo da Costa).

Um ponto a salientar é que a *Memória sobre a vinificação* e o *Manual de Viticultura*, são todos eles enriquecidos, o primeiro com estampas e os restantes com gravuras, para melhor entendimento dos seus conteúdos.

De resto, Pimentel foi historiador, biógrafo e especialista da educação. Entre os seus trabalhos históricos avultam os que consagrou a Luís Mouzinho da Silveira, Passos Manuel e, em especial, ao general seu tio, Claudino Pimentel. Este último intitula-se *Memorial brigráfico d'um militar ilustre, o General Claudino Pimentel* (1884). Abrange aspectos que vão da Guerra Peninsular às perseguições miguelistas. Por seu turno, revela-se elucidativo sobre o que fora e sobre o que se passava na Universidade o seu volume acerca da história e situação dessa instituição, redigido no terceiro quartel do século. O seu longo reitorado coincidiu com o primeiro centenário da reforma da Universidade por Pombal, em 1872, ficando-se a dever à iniciativa do Prof. Júlio Pimentel, apoiado pelas Escolas, os volumes sobre a história das Faculdades de Teologia, Medicina, Filosofia e Matemática, respectivamente da autoria dos Doutores Motta Veiga, Serra Mirabeau, Simões de Carvalho e Castro Freire. Infelizmente, jamais vieram a lume as memórias históricas programadas sobre Leis e Cânones, pois os lentes escolhidos para o efeito não as produziram. Quer dizer, se faltam as Memórias relativas ao ensino nos cem anos antecedentes relativos a Direito não foi decerto por falta de estímulo do reitor, um homem que se sagrara no mando, durante cerca de dois decénios, à frente da escola Agrícola de Lisboa.

Anoto-se ainda que a conjugação entre a teoria e prática que se desenvolve nas pesquisas estampadas, está à vista nas suas intervenções e discursos enquanto membro da Câmara dos Deputados, da Câmara dos Pares ou então como Vereador e Presidente da Câmara de Lisboa. Não menos falta nos textos enviados à Academia Real das Ciências, ou nos artigos de natureza enciclopédico-científica em obras estrangeiras, de colaboração com cientistas famosos.

Com Latino Coelho, debruçou-se, em nome da Academia Real das Ciências, sobre a Instrução Pública, o mesmo fazendo, como reitor da Universidade à data da sua morte (1884), sempre por designação do Governo, que sob o liberalismo, como noutras épocas, hipercentraliza decisões relativas à política universitária. Explicitos a todos os títulos, parecem-nos os seus relatórios acerca de Exposições universais oitocentistas e sobre o que elas representaram para a civilização da época e para Portugal, exposições onde o Prof. Pimentel esteve como Comissário Régio.

O visconde publicou boa parte das suas investigações e observações acerca do Douro depois de, em 1869, ascender a reitor da Universidade de Coimbra, nomeadamente o *Douro Ilustrado*.

Proprietário duriense, homem público e cientista de renome internacional, o visconde Vila Maior ilustrou, como poucos, a relação entre a teoria científica e a prática na sua observação a respeito do Douro, dos seus vinhos e nem os cerca de 15 anos na prelazia da Universidade de Coimbra o impediram de atender ao interesse geral do cidadão vinhateiro, no caso apoiado de acordo com os exigentes critérios do professor do ensino superior que ele era.

Amigo assim não o tem qualquer região ou qualquer produto português mas teve-o, o Douro, o rio e o seu vinho.

## BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- PEREIRA, Maria da Conceição Meireles – O *Contrabando Luso-Espanhol no Século XIX*, in *O Contrabando e outras Fronteiras* (org. de Luís A. De Oliveira Ramos), Porto 2001.
- PEREIRA, Esteves e RODRIGUES, Guilherme – *Portugal – Dicionário Histórico*, Vol. V, Lisboa 1911.
- PIMENTEL, Júlio Máximo de Oliveira – *O Douro Ilustrado*. Porto 1876. (2.ª edição facsimilada, Lisboa 19..).
- RODRIGUES, Manuel Augusto – *A Universidade de Coimbra e os seus Reitores*, Coimbra 1990.

## Vitrines et musées de vin

Philippe Roudié \*

*DOURO – Estudos & Documentos*, vol. VI (11), 2001 (1º), 15-20

Ce n'est pas une vue de l'esprit de constater qu'on n'a jamais autant parlé et

écrit sur le vin qu'aujourd'hui tant la littérature de tout type, scientifique et techni-  
que (agronomie, œnologie...), commerciale, gastronomique et touristique voire  
artistique s'allonge et dans des langues et des pays de plus nombreux dans le

monde. Et ceci sans compter dans les discussions privées ou publiques où dissé-  
ter du vin est devenu pour certains un véritable art de vivre. On boit du vin mais

surtout on en parle. Et cette réalité est d'autant plus paradoxale, an apparence au  
moins, que production et consommation mondiales du vin sont en stagnation

voire en diminution. Mais on doit ajouter immédiatement que si l'on consomme  
moins de vin, on en choisit de meilleurs, de même, si l'usage du vin diminue dans

les grands pays producteurs (France, Italie, Espagne, Portugal...), il se répand  
dans des pays traditionnellement peu ou pas producteurs (pays anglo-saxons et

scandinaves, pays asiatiques par exemple) où il devient un produit de fête. De  
produit alimentaire quotidien le vin est devenu un produit culturel. Comme tel

d'ailleurs il requiert de la part du consommateur une connaissance plus ou moins  
approfondie qui, à l'évidence, a suscité de la part des producteurs et/ou des

négociants une information de plus en plus poussée. Non seulement le vin se boit  
mais il s'expose. Et cette réalité passe par toute forme de communication dont les  
plus fréquentes sont soit les lettres missives envoyées au domicile du client, soit  
les sites informatiques, soit surtout les expositions dans les linéaires commerciaux  
où est présentée le produit à vendre. D'où le soin apporté à la bouteille, à son  
emballage, à l'étiquette. Partant de la notion de vitrine pour le vin s'impose ainsi  
que celle de l'étalage où le choix se doit d'être possible entre de nombreux fla-  
cons plus attractifs les uns que les autres.

Cette réalité qu'il est évidemment quasi impossible d'apprécier avec une préci-  
sion scientifique absolue, mérite cependant d'être analysée tant elle modifie com-

plètement le paysage de la viticulture contemporaine et plus encore celui de la distribution, dont en premier lieu on va essayer d'analyser les causes et les conséquences avant de tenter – timidement – d'élaborer une typologie.

A l'évidence le consommateur devient plus curieux, plus intéressé, plus intelligent peut-être, en tout cas mieux informé. Il voyage davantage, déguste sur place, visite les vignobles et dialogue avec les viticulteurs. En témoignent les multiples circuits et routes du vin, les innombrables guides des crus et des vignobles. De leur côté les producteurs organisent de mieux en mieux l'accueil sur place, ne se contentant plus d'être un lieu de vente. On embellit les locaux, on les aménage, on les modernise.

De fil en aiguille on organise des visites de propriété qui commencent évidemment par un rapide tour dans les vignes, puis dans les bâtiments de vinification que l'on rend attrayants. Les grands chais ne sont plus ainsi pratiqués par les seuls ouvriers mais ouverts à des visiteurs, parfois organisés en groupes plus ou moins fournis sous la houlette de guides avec des itinéraires bien précis dans le dédale des grandes caves. De là à faire payer la visite et à transformer l'entrée en une salle d'attente il n'y a qu'un pas qui a été franchi dans quelques châteaux du Bordelais ou maisons de Cognac et de Champagne. Mais on pourrait se lasser de ne parcourir que des couloirs sombres et humides jalonnés de futailles ou de bouteilles fussent-elles prestigieuses et soigneusement rangées. Aussi va-t-on à la recherche et à la mise en exposition des vieux outils que la modernisation technologique aurait condamné s'ils n'étaient ainsi promus, parfois après restauration, à une nouvelle carrière muséographique et non plus utilitaire. Ainsi est-on amené en même temps à restituer aux visiteurs tout le parcours du produit, du terroir à la table du consommateur. Le chai se transforme alors en une suite de panneaux pédagogiques où sont exposées et expliquées les diverses phases de culture de la vigne puis celles de la vinification en général et/ou selon les normes locales. Pour améliorer cette présentation on fait aujourd'hui de plus en plus appel à des technologies modernes, projection de diapositives, de films, bref à de la vidéo attractive y compris pour les enfants et adolescents.

Mais la réussite des vitrines du vin est due aussi au succès sans précédent des collections d'ethnographie et plus précisément des musées d'agriculture, spécialisées ou non. C'est au lendemain de la seconde guerre mondiale que s'est développée cette vogue, notamment en France, principalement sous l'impulsion de G. H. Rivière promoteur du grand musée parisien des "Arts et traditions populaires" véritable modèle du genre. Dans la foulée cela a débouché dans les dernières décennies du XX<sup>e</sup> siècle sur une incroyable floraison d'écomusées, dont il existait d'ailleurs des exemples, en général portés sur l'habitat et les coutumes paysannes dans les pays du Nord et de l'Est européen (pays anglo-saxons, scandinaves et d'Europe centrale). Cette génération d'écomusées (fondés surtout entre 1970 et 1985) était en principe



fondée autour d'un "pays", plus ou moins vaste (la Bretagne, le Roannais, le pays nazairien, la grande Lande...) et d'un ou plusieurs thèmes dominant (la nature, la vie rurale, la forêt, voire l'industrie ou la culture ouvrière etc...). Mais une nouvelle génération, celle de l'extrême fin du XX<sup>e</sup> siècle a beaucoup affiné cette approche, avec des "maisons" apparemment très spécialisées: musée des fromages (à Chaource-Aube ou Saint Marcillin en Isère), maison de la truffe (Sorges en Dordogne), éco-musée de l'abeille (Grateloup en Lot-et-Garonne), musée du liège (maureillas las Illas-Pyrénées orientales)... Et si parfois l'inventivité de leur promoteur a fait naître des musées aux thèmes inattendus (musée de la poupée ancienne, Château Marith Clairac, Lot-et-Garonne; Cloches et Carillons du monde L'isle Jourdain Gers; musée du cheval Château Lanessan à Cussac-Fort Médoc en Gironde...) forcé est de constater que ce sont toujours les maisons de la vie rurale sous diverses formes, voire la maison du fleuve (de la Loire à Montlouis Indre-et-Loire, de la Batellerie à Port-Sainte-Foy en Dordogne) qui restent les plus nombreuses.

Et bien entendu dans ces maisons de la vie rurale (même si elles peuvent être spécialisées, par exemple dans le machinisme agricole, avec les Rurales en Poitou près de Niort sur l'autoroute A10) la vigne a presque toujours sa part. Car même dans les régions où la vigne n'est plus qu'un souvenir (par exemple à Champlitte en Haute-Saône), elle a pu jouer un rôle important lorsqu'elle était intégrée à une véritable polyculture. Et dans les vignobles de grand renom les musées ou maisons de la vigne et du vin s'imposent naturellement. Pour la France, un recensement, sans aucun doute incomplet, effectué à partir de sources diverses (dépliants publicitaires, consultations d'ouvrages touristiques divers, listes téléphoniques, etc...) permet d'identifier au moins une soixantaine de musées où la vigne et le vin figurent en bonne place, pour ne pas dire exclusive. Naturellement ce sont les régions viticoles qui en ont le plus, des Pays de la Loire à la Bourgogne, de l'Aquitaine au Languedoc ou à la Provence.

Mais au-delà de ce thème central qu'est le vin, que de variantes dans la mesure où aucun musée ne ressemble à un autre, chacun ayant peu ou prou sa propre originalité! Car les critères de différenciation sont fort nombreux, site d'implantation, structure juridique, taille, date de fondation, fréquentation, objets mêmes d'exposition, choix muséographique...

Les sites d'implantation, élément géographique par excellence sont d'une grande variété même s'ils ont (presque) tous en commun d'être au centre d'un environnement viticole rural ou urbain. Il y aurait ainsi deux grandes familles, l'une liée à la production, l'autre au commerce ou aux lieux de consommation. Dans la première, les musées ont en commun d'être dans une ambiance rurale où la vigne fait – inévitablement – partie du paysage et s'intègre dans une économie rurale quand elle n'en est pas le pilier principal: le site précis d'implantation n'est pas alors innocent.

Il faudrait ici évoquer longuement toutes les exploitations viticoles qui, à travers le monde, ont ouvert les portes de leurs bâtiments et les allées de leur vignoble aux visiteurs, aux touristes, aux amateurs : "châteaux" du Bordelais, "quintas" (ou "solars" ou "casals") du Douro et du Portugal, "bodegas" d'Espagne, "wines" ou "estates" des pays viticoles de langue anglaise, "domaines" de partout... Leur variété est infinie, de la petite maison rurale au cellier ou caveau modeste, aux prestigieuses demeures aristocratiques aux chais impressionnants. Ceux-ci peuvent être même agrandis, améliorés. Dans la vallée du Còa affluent du Douro portugais la firme de Porto Ramos Pinto a récupéré un vieux bâtiment dans le domaine d'Eramoira et en a fait un complexe touristique et culturel de haut niveau. En Bordelais par exemple pour faire face à la croissance de récoltes, des domaines prestigieux ont fait construire de spectaculaires bâtiments d'exploitation, en s'adressant à des entreprises spécialisées, telles le cabinet Mazières, et en trouvant de nouvelles formules de chais enterrés ou semi-enterrés. Il peut même aller jusqu'à la récupération d'un bâtiment à l'origine non viticole mais particulièrement emblématique comme la Tour de Verzenay en Champagne qui était un repère pour la circulation aéronautique mais au milieu des vignes dominant le village et à l'intérieur de laquelle un cheminement en colimaçon permet de découvrir les secrets de la viticulture et de la champagneisation.

Mais il y a aussi les musées du vin liés aux centres de négoce, fabrication ou expédition. Ils ont en commun d'être dans la majorité des cas des musées urbains, souvent portuaires, et bien entendu abrités dans des locaux de maison de commerce qui, alors, ne se privent évidemment pas de faire la promotion des firmes particulières. Ainsi en va-t-il de quelques expositions d'Epernay en Champagne ou du musée des Chartrons (de la firme Calvet) à Bordeaux. Ce type de musée insiste sur le rôle de la "fabrication" du vin par le négociant et des brevages qui sortent des savantes manipulations oenologiques des grands chais : vin de marques, assemblage des Bordeaux, Champagne(s) des négociants de Reims ou d'Epernay, Cava(s) des catalans d'Espagne de San Sadurni da Noia, Jerez de l'Andalousie occidentale.

Les divers aspects du stockage, du vieillissement, des moyens de transport (arrivés bas et expéditions) sont alors particulièrement mis en valeur (rôle des ports fluviaux ou maritimes anciens ou non, et celui de la voie ferrée, ou de la route aujourd'hui) ainsi que ceux des contenants, futailles et bouteilles et des moyens d'identification du vin, notamment des étiquettes commerciales... cela peut même aller jusqu'à la reconstruction des bateaux du vin, comme à Gaia, face à Porto, où la plupart des firmes exhibent maintenant le "rabelo" (péniche ou radeau à grande rame et à voile qui descendait les vins de l'Alto Douro aux chais de négoce...).

Dans des cas limites ces musées peuvent aussi, plus rarement il est vrai, être

situés aux lieux de débarquement des vins dans des zones ou même des régions, voire des pays non viticoles, mais consommateurs. A Paris le musée du vin de Passy serait à mettre dans cette catégorie comme celui de Stockholm; mais il va de soi que l'ancienneté et plus encore la dimension et la structure juridique de ces musées permettent d'affiner leur typologie. A l'ancien musée du vin de Bourgogne né dès avant la seconde guerre mondiale à Beaune et qui a passé pendant longtemps pour le modèle du musée vinicole, s'opposeraient ainsi des musées beaucoup plus récents voire en cours d'élaboration, comme par exemple en Vieille Castille le château de Peñaflor qui se reconvertisse en maison du vin. Et l'incroyable musée d'Osaka, construit dans le nouvel aéroport de la deuxième métropole urbaine japonaise sur une île entièrement artificielle, illustrerait le caractère à la fois gigantesque et très récent de ce qui se veut être une des plus fréquentées expositions des vins du monde.

A ce niveau-là d'ailleurs il faut aussi évoquer comme critère de différenciation la structure juridique, voire financière de ces musées. Beaucoup, notamment les plus petits ne sont, ou n'étaient à l'origine, que de simples collections particulières d'amateurs passionnés de viticulture ou d'objets s'y rapportant de près ou de loin. A de multiples petites et sympatiques expositions de viticulteurs anonymes on peut opposer les extraordinaires richesses du musée du vin Mouton-Rotschild à Pauillac en Bordelais ou le musée Lungarotti à Torciano en Italie centrale (Ombrie) qui ont en commun d'exposer les objets patiemment acquis par deux riches et éclairés amateurs d'art.

Ces musées-collections artistiques particuliers sont sans (aucun?) doute moins nombreux que ceux émanant d'associations, elles-mêmes diverses. Il s'agit alors de groupes locaux mais les préoccupations commerciales ne sont pas toujours absentes de ces expositions, qui ne sont parfois que de vaste marchés. Ainsi en va-t-il par exemple des "Enoteca" italiennes à commencer par celle de Sienne en Toscane installée dans les murs du château et qui n'exhibe guère que des linéaires de flacons plus ou moins chers et prestigieux. C'est aussi le cas de El Mundo del Vino récemment ouvert dans le centre de Santiago du Chili et qui propose à la vente nombre de vins chiliens de tout prix mais aussi de prestigieuses bouteilles des autres pays.

En guise de synthèse on peut en quelques mots présenter la complexité de cet aspect muséographique de la vigne et du vin en évoquant – rapidement – le cas bordelais. Il n'y a pas dans le vignoble girondin un grand musée et jusqu'à présent toute tentative en ce sens a vraiment échoué. Sans doute en raison même de la richesse et de la variété du vignoble et de celles des divers participants de la filière. Bien au contraire il y a au moins une trentaine de sites qui peuvent se prévaloir de la réalité musée du vin. A commencer par le grand musée d'Aquitaine où une partie de la section d'ethnographie est consacrée au vignoble. Mais il y a sur-